

Excursão na Teologia Natural (Parte 25): O Argumento Ontológico 3/4

Seção 04 / Aula 25

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 26/09/2024, 07:00:48 (horário de São Paulo)

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Retomada do argumento ontológico

Nós temos falado sobre o argumento ontológico, e espero hoje encerrar nossa discussão sobre esse argumento. Na última vez, vimos que a premissa crucial do argumento é a primeira. Se você aceitar essa premissa, então o restante do argumento segue automaticamente. Se é possível que um ser maximamente grande, como Deus, exista, então segue necessariamente que Deus existe, e, portanto, Deus existe no mundo real. Então, a questão é: qual é a justificativa para essa primeira premissa? Eu argumentei que podemos ver que o conceito de um ser maximamente grande (isto é, um ser que é maximamente excelente: onisciente, onipotente, moralmente perfeito em todos os mundos possíveis) é um conceito coerente.

Não é como um círculo quadrado ou um solteiro casado. Esse é um conceito coerente que pode possivelmente ser instanciado. Portanto, temos uma justificativa *prima facie* para pensar que essa primeira premissa é verdadeira, que é possível que um ser maximamente grande exista. Então, analisamos uma série de objeções a essa premissa. Por exemplo, vimos tentativas de parodiar o argumento, dizendo que ele também levaria à existência de uma pizza maximamente grande, ou à existência de um leão necessário, ou coisas desse tipo, que são obviamente absurdas. Acho que vimos claramente em cada caso que esses são conceitos, na verdade, incoerentes. A ideia de uma pizza maximamente grande ou de um leão necessariamente existente são conceitos incoerentes, e, portanto, não podem ser instanciados, e são bem diferentes do conceito de um ser maximamente grande.

Por fim, encerramos analisando a sugestão de que talvez seja possível que exista um ser quase-maximamente grande – um ser que é muito, muito grandioso, talvez onipotente e moralmente perfeito, mas talvez limitado cognitivamente (talvez ele não conheça contingências futuras, como o deus do teísmo aberto). Então, ele é apenas quase-maximamente excelente, e não maximamente excelente em todos os mundos. O que sugeri ali foi que se um ser maximamente grande existe ou é possível, então é impossível que exista um ser quase-maximamente grande, porque, sendo um ser onipotente, um ser maximamente grande teria que ter a capacidade de aniquilar ou criar qualquer coisa além de si mesmo, inclusive um chamado ser quase-maximamente grande.

Portanto, se é possível que a grandeza máxima seja instanciada, segue-se que é impossível que haja um ser quase-maximamente grande, porque tal ser seria independente do ser maximamente grande, e isso é impossível, já que ele é onipotente. Como nossas intuições sobre a possível existência de um ser quase-maximamente grande são parasitárias ou dependem de nossas intuições sobre a possibilidade de um ser maximamente grande, é plausível pensarmos

que é possível que exista um ser maximamente grande, mas que não seja possível que haja um ser meramente quase-maximamente grande. Agora, eu prometi que antes de seguirmos em frente, daria a oportunidade para quaisquer perguntas ou discussões sobre o que falamos até agora.

Então, pergunto se há alguma pergunta que gostariam de fazer neste momento.

Discussão: propriedades e possibilidades

Estudante: Sempre que converso com várias pessoas sobre o Argumento Ontológico, ultimamente, uma das coisas que sempre ouço delas é que elas dizem que toda a ideia até mesmo do que faz um ser maximamente grande – propriedades que tornam algo grande – é apenas subjetiva. Como você realmente sabe que ele tem que ser onipotente? E se eu disser que um ser maximamente grande é algum tipo de... insira aqui alguma outra propriedade que não seja onipotência, onisciência e onibenevolência?

Dr. Craig: Eu não acho que isso seja uma objeção persuasiva. Eu acho que é óbvio que um ser é maior se ele for onipotente do que se for fraco e limitado em seu poder. Ele é maior se for moralmente perfeito do que se for moralmente defeituoso de alguma forma. Da mesma forma, ele é maior se souber tudo – for onisciente – do que se tiver um conhecimento limitado e souber apenas algumas coisas. Portanto, estou convencido de que pessoas que tomam essa postura estão apenas procurando uma saída do argumento, em vez de avaliar honestamente se é ou não maior ser onipotente do que ser limitado em poder, se é maior ser onisciente do que ser limitado em conhecimento, se é melhor ser moralmente perfeito do que moralmente defeituoso.

Acho que essas são claramente propriedades que tornam algo grande. Em contraste, no debate que tive na Universidade de Cambridge, alguém sugeriu, da plateia, que talvez isso levasse à existência de um ser maximamente fedorento. E, como meu colega Peter Williams apontou, claramente ser fedorento não é uma propriedade que torna algo grande, como essas outras o fazem. Portanto, não acho que isso seja de forma alguma subjetivo. Mas, não importa isso. Suponhamos que fosse. Ainda assim, isso realmente não importa. Qualquer um é livre para propor o que considera ser as qualidades desse ser e então perguntar: "Esse é um conceito coerente?" E se for coerente, então é possível, e, portanto, ele existe.

Então, realmente eu não acho que a identificação dessas propriedades esteja no cerne da questão, porque você pode simplesmente estipular as propriedades que você quer incluir para compor a grandeza máxima e, então, perguntar: "Essa é uma ideia coerente?", e se for, o argumento segue.

Estudante: E a outra coisa que eu ia perguntar é que também há ok, então, sabe, começa com "É possível que Deus exista" e, a partir daí, o resto do argumento segue. Há uma outra objeção, que acho que se relaciona à objeção do ser quase-maximamente grande, mas eu acho que Peter van Inwagen chama isso de "o argumento ateuista correto". Então, digamos que você substitua "É possível que Deus não exista" e, então, o argumento segue a partir daí. A questão, então, seria algo como... certamente parece igualmente plausível – intuitivamente plausível – que ele poderia não existir. Como você realmente resolve o impasse entre os dois?

Dr. Craig: Aqui, quero recorrer ao que disse sobre a diferença entre possibilidade epistêmica e possibilidade metafísica. Certamente, você pode dizer que é possível epistemicamente que

Deus não exista. Pelo que sabemos, Deus existe ou não existe. Isso é agnosticismo, certo? Mas esse tipo de possibilidade epistêmica não contribui em nada para mostrar que a inexistência de Deus é metafisicamente possível. Se a noção de um ser maximamente grande é coerente, então a ideia de que esse ser não existe é incoerente – é impossível. Pense novamente sobre a Conjectura de Goldbach. Se for verdadeira, é necessariamente verdadeira. Somente epistemicamente podemos dizer que é possível que seja verdadeira e possível que seja falsa.

Se for verdadeira, então é impossível que seja falsa. E eu diria, de maneira semelhante, que é impossível, metafisicamente, que Deus não exista.

Estudante: Acho que o que eles tentam dizer em resposta é que você, no final das contas, não consegue ir além da possibilidade epistêmica no sentido de que ainda precisa julgar qual delas seguir – não possível ou possível. Acho que a alegação é que aqui...

Dr. Craig: Isso mesmo. Aqui, novamente, quero apelar à evidente coerência da ideia de grandeza máxima – temos uma espécie de percepção intuitiva dessa noção e podemos ver que é uma noção coerente. Então, embora este não seja um argumento decisivo, obviamente, ele nos dá, como eu disse, alguma justificativa prima facie ou um motivo de valor de face para pensar que isso é possível. Sim, Kevin.

Aluno: Cody, você tem apenas uma pergunta! Vou te encontrar "lá fora" para resolvermos isso!

Dr. Craig: O problema é que ele estava em uma aula de Molinismo. As discussões eram intermináveis.

Aluno: Estou brincando.

Discussão: necessidade e avaliação de Plantinga

Estudante: Um amigo meu no Georgia Tech e eu estávamos conversando sobre esse argumento. Ele estava tendo dificuldades em realmente expressar o quanto podemos ter certeza sobre um ser maximamente grande e estava surgindo com várias ideias diferentes. Ele disse: e se simplesmente dissermos que é possível que exista um ser necessariamente existente? Sim. E a partir daí deixássemos o argumento seguir? Dessa forma, você não teria onisciência, onipotência, onipresença, mas teria um ser necessariamente existente, que seria algo como Deus. Ele disse: isso funcionaria?

Dr. Craig: Acho que esse argumento seria sólido também. Infelizmente, ele não diria muito sobre a natureza desse ser necessariamente existente. Poderia ser matéria, por exemplo, como Aristóteles pensava? Para Aristóteles, era apenas necessário temporalmente que a matéria existisse. Ele não tinha a ideia de que isso fosse logicamente necessário. Você ainda precisaria saber algo sobre a natureza desse ser. Mas você está certo. Isso seria um passo em direção ao teísmo, ao dizer que a realidade contingente não é tudo o que existe. Existe uma realidade necessariamente existente.

Estudante: Em **The Nature of Necessity**, Plantinga afirma que esse argumento realmente não prova ou estabelece sua conclusão, mas ele diz que, principalmente, o que o argumento estabelece é que é racional concordar com a conclusão. Nos debates, você tem usado esse argumento como um argumento para a existência de Deus, e me pergunto se você difere de Plantinga nisso.

Dr. Craig: Eu abordei isso na nossa aula anterior, e aponte que, em **The Nature of Necessity**, Plantinga definiu o padrão para o sucesso na teologia natural de forma muito alta. Ele mais tarde retratou essa declaração. Aqui está o que ele disse depois, e eu vou citar isso novamente:

"Empreguei um padrão tradicional, mas totalmente inadequado: Assumi que esses argumentos têm sucesso apenas se partirem de proposições que compelem o assentimento de toda pessoa honesta e inteligente e procederem majestosamente até sua conclusão por meio de formas de argumentação que só podem ser rejeitadas apenas com o preço da insinceridade ou irracionalidade. Naturalmente, juntei-me ao coro contemporâneo ao afirmar que nenhum dos argumentos tradicionais foi bem-sucedido.

Eu não percebi que nenhum argumento filosófico de importância atende a esse padrão; portanto, o fato de os argumentos teístas não o fazerem é menos significativo do que eu pensava." Então, ele também disse que o Argumento Ontológico fornece bases tão boas para a existência de Deus quanto qualquer argumento filosófico sério para qualquer conclusão filosófica importante. Isso é um grande endosso do argumento da parte de Plantinga. Se você estiver interessado nessas referências, posso fornecê-las depois da aula. Sim. Ali está Bobby.

Discussão: analogias físicas e mundos possíveis

Estudante: Na última vez, você mencionou no final da aula essas analogias que as pessoas costumam usar, como uma ilha maximamente grande, pizza ou pássaro. Eu fiquei pensando – não poderíamos rejeitar mais enfaticamente essas analogias, dizendo que, no momento em que alguém sugere uma analogia física, como uma ilha, um pássaro ou uma pizza, ela não é uma boa analogia? É uma analogia terrível porque depende de espaço-tempo.

Dr. Craig: Acho que você está certo. Qualquer analogia física pode ser imediatamente rejeitada porque, por exemplo, como eu disse, é possível que o universo exista como uma singularidade espaço-temporal e nada mais, nesse caso, não poderia haver nada como um pássaro, um leão, uma pizza ou qualquer outra coisa. Com certeza, essas analogias físicas são realmente muito inadequadas. E, claro, elas podem ser imediatamente descartadas.

Estudante: Eles tentam escapar disso dizendo: "Estou falando sobre uma ilha não física." Então, não é uma ilha!

Dr. Craig: Isso é muito perspicaz. Você está absolutamente certo. Aí você entra na incoerência, porque o que é uma ilha não física? Isso aconteceu no meu debate com Lewis Wolpert, em Londres, onde ele disse: "Talvez tenha sido um computador que fez o universo." E eu disse: "Isso é impossível – um computador é um objeto espaço-temporal, material." E ele disse: "Estou falando de um computador imaterial além do espaço e tempo." E eu disse: "Bem, isso é apenas outro nome para Deus!" Você precisa de conceitos coerentes se vai se opor a essas duas ideias. Tudo bem. Havia uma pergunta ali atrás. Ali do lado esquerdo da sala.

Estudante: Então, as pessoas nunca descobrem nada em relação a essa área. Só uma pergunta. Parece que o problema está entre (2) e (3) nesse argumento em particular, pelo que posso ver. Aqui diz que um ser maximamente grande existe em algum mundo possível. O fato de que ele pode existir em algum mundo possível não significa que esse mundo em particular realmente existiria.

Dr. Craig: Certo. Isso é correto.

Estudante: Certo. Ok.

Dr. Craig: Pode ser um mundo possível não atual.

Estudante: Então, se avançarmos para (3), "Se ele existe em algum mundo possível, então ele existe em todos os mundos possíveis." Se esse mundo possível não existisse, então ele não existiria em todos os mundos possíveis.

Dr. Craig: A razão pela qual (3) segue é porque a definição de grandeza máxima é "maximamente excelente em todos os mundos possíveis."

Estudante: Mas se o mundo possível não existir, então isso basicamente rompe a possibilidade.

Dr. Craig: Não, porque quando você diz que ele existe em um mundo possível, tudo o que você está dizendo é: "É possível, um ser maximamente grande existir."

Estudante: Sim.

Dr. Craig: Dizer que ele existe em um mundo possível é apenas um artifício heurístico uma ilustração de dizer que possivelmente um ser maximamente grande existe. Então, a ideia é que se for possível que um ser necessário exista, então ele existe necessariamente em todos os mundos possíveis, porque essa é a definição.

Estudante: Sim. Certo.

Dr. Craig: Isso simplesmente decorre da definição de grandeza máxima que, se for possível, então ele existe em todos os mundos.

Estudante: Entendi o que você está dizendo. Ok. Certo. Obrigado.

Dr. Craig: Sim. Eric.

Discussão: atributos e diferenças culturais

Estudante: Talvez eu não esteja particularmente convencido pela definição de Deus como um ser maximamente grande. Talvez isso seja porque sou físico e não filósofo. Mas o termo parece um pouco vago para mim, porque me parece que, por exemplo, um calvinista poderia dizer que nossa versão de Deus não é maximamente grande porque ele tem soberania, mas não a exerce. Um muçulmano poderia dizer que nossa versão de Deus não é maximamente grande porque ele não é completamente transcendente acima da humanidade da forma como Alá seria. Parece-me que há uma certa imprecisão nessa definição.

Dr. Craig: Acho que o que você está dizendo é que o conceito de grandeza máxima que Plantinga apresenta é incompleto, e isso é verdade. Mas muçulmanos, calvinistas e arminianos concordariam que a ideia de Deus como um ser que é onisciente, onipotente e moralmente perfeito. E essa é a definição básica e simplificada de grandeza máxima. A grandeza máxima vai muito além disso, como você disse. Pode haver discussões sobre a natureza do ser maximamente grande. Mas o que Plantinga está oferecendo são algumas condições necessárias para a grandeza máxima, mas ele não está dizendo que essas são todas as propriedades. Essas propriedades parecem ser bastante claras para mim.

Como eu disse antes, elas parecem claramente pertencer ao conceito de grandeza máxima e seriam reconhecidas por todas as pessoas que você mencionou. Stephanie.

Estudante: Pergunto-me se parte do motivo pelo qual estamos meio presos nisso é que nossa mentalidade ocidental quer dados empíricos para tudo, e esse é um argumento não empírico.

Dr. Craig: Com certeza é!

Estudante: Pergunto-me se esse argumento é mais aceitável para pessoas com uma mentalidade oriental, onde os dados científicos não são tão importantes.

Dr. Craig: Sabe, eu...

Estudante: Quer dizer, acho que os dados não são tão...

Dr. Craig: Eu não saberia. Eu não tenho experiência suficiente no Oriente para poder responder a essa pergunta. Certamente, em religiões orientais como o hinduísmo, budismo e taoísmo, você tem a ideia de uma realidade absoluta que é, creio eu, metafisicamente necessária.

Estudante: Pergunto-me, no entanto, se esse argumento para Deus funcionaria melhor para pessoas que já pensam nesses termos, em oposição ao pensamento iluminista ocidental.

Dr. Craig: A dificuldade é – aqui estamos apenas falando de sociologia, certo? A dificuldade para a mente oriental seria que, embora ressoe com a ideia de existência metafisicamente necessária, ela tende a ver essa existência como impessoal e, por isso, seria relutante em dizer que essa realidade absoluta é onisciente ou moralmente perfeita, porque essas são características de uma pessoa, e eles não querem que o absoluto metafísico seja pessoal. Mas, ainda assim, quero voltar ao que disse anteriormente. É melhor ser moralmente perfeito do que não ser, e isso provavelmente pertence à grandeza máxima, apesar da mentalidade oriental. Mas você está certo ao dizer que este argumento seria mais atraente para pessoas que pensam de forma abstrata, como matemáticos, filósofos, talvez engenheiros, tecnólogos da informação, em oposição a pessoas que lidam com a ciência física.

Não. Não. Sim, Eric. Sim, Steve.

Estudante: Acho que o argumento se sustenta, mesmo que você não consiga conhecer os atributos de Deus. O argumento ainda se sustenta. Mas, por exemplo, sobre onisciência e o Molinismo. Para mim, onisciência significa que ele sabe tudo o que pode ser conhecido, mas ele reservou o livre-arbítrio para si mesmo, então ele não predestina tudo. Ele está conosco no tempo. Portanto, isso vai contra o Molinismo, mas eu acho que isso seria um ser maximamente superior.

Dr. Craig: Não estamos fazendo teologia aqui. Não estamos tentando discutir as diferenças entre Calvinismo e Molinismo ou algo do tipo. Estamos trabalhando com um conceito muito básico. Sim, Bob.

Discussão: mundos e sofrimento

Estudante: Mesmo que isso não seja compatível com minhas crenças teístas, vamos estipular que existam mundos fora deste mundo atual. Já discutimos isso. Temos um desacordo sobre isso. Vamos estipular que eles existem. Vamos também estipular que conseguimos convencer um ateu a aceitar a premissa (1), dizendo que é possível que um ser maximamente grande exista. Eu acharia isso notável e um tanto surpreendente, mas tudo bem. Agora vamos para (3), que considero o aspecto mais questionável de todo esse argumento. É o seguinte: "Se um ser maximamente grande existe em algum mundo possível, então ele existe em todos os mundos possíveis." Acredito que essa afirmação é falsa em sua face.

Acredito que, mesmo com uma inspeção superficial, isso mostraria que essa é uma afirmação falsa. Um ser maximamente grande certamente não existiria em todos os mundos possíveis, porque sendo maximamente bom, ele existiria apenas em uma minoria de mundos porque acharia os outros absolutamente horríveis.

Dr. Craig: Ah. Deixe-me fazer uma pergunta primeiro. Na última vez, comentei como, em sua visão de que só há um mundo logicamente possível, você deveria adorar o Argumento Ontológico, porque se é possível que Deus exista, então ele realmente existe, porque só há um mundo possível. O que você achou disso? Você concordou com o ponto que eu estava levantando?

Estudante: Devo admitir que não levei isso muito a sério.

Dr. Craig: Um pouco mais alto, por favor.

Estudante: Você pode repetir isso? Talvez eu não tenha entendido completamente. Diga de novo mais uma vez.

Dr. Craig: Lembre-se, eu disse que o desafio do argumento ontológico é que, se há uma pluralidade de mundos possíveis, e é possível que Deus exista em um deles, o desafio é: como você demonstra que ele existe no mundo real? Vamos chamar isso de M0. Esse é o mundo real. Como você passa da existência de Deus em M3 para a existência de Deus em M0? Esse é o desafio do argumento ontológico. Mas se você diz que não há outros mundos logicamente possíveis, que só existe um mundo possível, o mundo real, então segue-se imediatamente que, se Deus é possível, então Deus realmente existe, porque este é o único mundo possível.

É por isso que eu estava dizendo que você deveria adorar esse argumento!

Estudante: Bem, vamos estender isso um pouco mais. Digamos que, se qualquer mundo existir, então Deus existe. Porque, como eu disse, sou teísta e não acredito que seja possível que qualquer mundo exista a menos que Deus o tenha criado. É por isso que estou dizendo que podemos imaginar mundos com céus laranja e coisas do tipo. Esses mundos eram possíveis até o momento da criação, mas Deus obviamente os rejeitou. Portanto, eles são para sempre impossíveis.

Dr. Craig: OK, ótimo. Obrigado. Agora, deixe-me responder à pergunta que você levantou, que acho ser uma questão muito importante. O que você apontou é que parece intuitivo que pode haver mundos possíveis nos quais Deus não exista. Por quê? Bem, vamos imaginar um mundo em que a forma de vida mais elevada sejam coelhos que vivem em um estado de doença e

sofrimento incessante. Isso parece intuitivamente possível. Mas acho que você argumentaria (e eu concordaria) que um mundo como esse é incompatível com a existência de Deus, porque Deus é bom demais para permitir que exista um universo em que não haja nada além de coelhos em sofrimento incessante.

Você pode tirar duas conclusões disso. Você poderia dizer: “Ah! Isso mostra que existem mundos logicamente possíveis nos quais Deus não existe”, o que é o que você sugeriu, nesse caso Deus não seria maximamente grande. Ou você poderia dizer (e é isso que eu diria) que tais mundos não são, de fato, realmente possíveis. Eles são, na verdade, impossíveis porque são inconsistentes com a existência de Deus, como você muito bem apontou. Isso significa que, segundo a visão de Anselmo sobre Deus, haverá mundos que, no fim, não são realmente possíveis, embora à primeira vista (se você não pensar em Deus; se deixar Deus de lado) pareça que um mundo assim poderia existir.

Isso significaria que a existência de Deus embaralharia suas intuições modais e mostraria que algumas coisas não são realmente possíveis, no fim das contas. Outro exemplo seria, digamos, um mundo onde todo mundo vá para o inferno e ninguém seja salvo. Com certeza, um mundo assim seria incompatível com a existência de Deus, e, portanto, ele não o criaria. Mas um mundo como esse, eu diria, é impossível e não pode existir. Não é realmente um mundo possível.

Estudante: Eu diria que esse conceito de outros mundos possíveis seria muito mais aceitável para ateus, porque eles não têm uma ideia clara de onde o mundo veio. Muitas vezes eles simplesmente deixam isso de lado – então, sim, qualquer coisa é possível. Mas para um teísta, a única maneira de um mundo existir é se houver um Deus para criá-lo.

Dr. Craig: Aí você está voltando ao Argumento Cosmológico, que eu endosso e defendo. Então, concordo com você nisso, mas quero ver se este argumento também não pode complementar o argumento cosmológico, dizendo que essa é uma ideia coerente – um ser maximamente grande – e, se é uma ideia coerente, então é possível e, portanto, é real. E, embora isso não seja o argumento definitivo que Anselmo achava que fosse, penso que ele tem uma plausibilidade *prima facie* e pode fazer parte de um caso cumulativo para o teísmo.

Estudante: Bem, sua reputação está bem estabelecida, e quem sou eu para lhe dar conselhos?

Dr. Craig: Agradeço sua interação. Foi uma pergunta muito boa.

Estudante: Eu sugeriria que esse argumento ficaria, de certo modo, no final da fila.

Dr. Craig: OK. Justo! Na verdade, como você verá quando finalmente chegarmos à conclusão, direi algo quase nesse sentido, mas... Certo. Quem mais gostaria de fazer uma pergunta? Dr. Craig. Sim. Ok.

Discussão: Anselmo e Kant

Estudante: Se as pessoas estão se prendendo à ideia de grandeza máxima, o que você acha da ideia de Anselmo de que algo existir apenas no entendimento não é tão grande quanto algo que realmente existe no mundo? Por que não podemos usar isso?

Dr. Craig: Se entendi você corretamente, você está perguntando sobre o argumento de Anselmo de que algo que existe apenas na mente não é tão grande quanto algo que existe na mente e também no mundo.

Estudante: Nesse exemplo...

Dr. Craig: E, portanto, a existência de Deus é real no mundo. Plantinga discute essa versão do argumento, e eu acho que, no final das contas, ela não se sustenta. Ainda é necessário ter essa premissa crucial de que é possível que algo como Deus exista não apenas na mente, mas também na realidade. Essa é a visão crucial que Leibniz teve, que o argumento de Anselmo pressupõe que é possível que tal coisa seja real, que exista não apenas na mente, mas também na realidade. É por isso que, novamente, a primeira premissa do argumento é, creio eu, a mais importante.

Estudante: Eu realmente gosto do argumento. Acho que, para apologética, é como uma "pílula" que, ao ser apresentada ao ateísmo, supera tudo. Mas eles precisam aceitar. Eu acho que, problematicamente, seja semanticamente ou filosoficamente, é um pouco difícil de ser assimilado por todos. Os problemas que estou enfrentando são como articular respostas para a crítica de Kant, que dizia que a existência não pode ser uma propriedade, ou de Geach, dizendo que você não pode quantificar a identidade com palavras. Acho que, se você mantiver a discussão em um nível filosófico e responder filosoficamente, sem entrar na cosmologia e outras coisas do tipo... É aí que tenho problemas ao discutir esse argumento em um nível filosófico.

As pessoas querem partir para algo físico ou não metafísico, ou seja o que for. É difícil manter as mentes delas focadas em algo filosófico.

Dr. Craig: Sim, realmente exige a capacidade de fazer raciocínios abstratos ou filosóficos. Com relação à objeção do filósofo alemão Immanuel Kant, que foi um dos críticos mais importantes da Teologia Natural e dos argumentos teístas, a versão de Plantinga do argumento é imune à objeção de Kant. Por isso, pulei vários séculos – de Anselmo direto para Plantinga – em vez de passar por toda a história complicada do argumento. O que Kant disse é que a existência não é uma propriedade. Se eu tenho um conceito em minha mente de cem dólares, isso não significa que cem dólares na realidade têm alguma propriedade adicional, a saber, a existência, que os cem dólares em minha mente não têm.

Eles são concebidos exatamente da mesma maneira quanto ao que são. A diferença é que um é real, existe na realidade, e o outro não. Mas você pode discutir isso. Algumas pessoas dizem: "Sim, a existência é uma propriedade. Os cem dólares reais têm a propriedade da existência, e os imaginários não têm." Você pode debater isso. Mas você pode simplesmente contornar toda a questão porque o argumento de Plantinga não pressupõe que a existência seja uma propriedade. O que ele diz é que a necessidade é uma propriedade. E acho que é amplamente aceito que há uma distinção entre algo ser contingente e ser necessário. Então, mesmo que a existência em si não seja uma propriedade, a existência contingente ou necessária é uma propriedade.

O que o argumento de Plantinga diz é que um ser maximamente grande é aquele que possui excelência máxima necessariamente em todos os mundos possíveis. Ele simplesmente contorna a objeção de Kant. Eu não esperava ter perguntas sobre Kant em nossa aula de

Defensores! Este grupo está se tornando cada vez mais sofisticado com o tempo! Sim. Ok. Kevin.

Discussão: circularidade e imaginabilidade

Estudante: Vamos voltar ao mundo dos coelhos sofrendores. Parece que alguém poderia acusá-lo de usar raciocínio circular. Você está excluindo os mundos nos quais Deus não existe na sua definição de mundos possíveis, e permitindo apenas os mundos nos quais Deus existe para definir quais mundos são possíveis. Portanto, claro que o argumento funciona. Como você responderia a isso?

Dr. Craig: Acho que essa é uma objeção poderosa. Isso é um pouco semelhante à objeção sobre a grandeza quase-máxima. Em outras palavras, posso ver que a ideia de um mundo em que a forma de vida mais elevada sejam coelhos em sofrimento incessante é possível, mas isso é incompatível com a existência de Deus, então é possível que Deus não exista. Acho que o que eu diria é que quaisquer intuições que você tenha de que um mundo assim é possível são parasitárias ou dependem da suposição de que a grandeza máxima é impossível. Isso admite que é impossível conciliá-lo com a grandeza máxima. Então, isso só empurra a questão de volta à pergunta: a grandeza máxima é possível ou impossível?

Tudo o que você fez foi mostrar um cenário que é incompatível com a grandeza máxima, mas você não demonstrou que a grandeza máxima é impossível e, portanto, que esse mundo é realmente possível. Essa seria minha resposta. Sim, Carlos.

Estudante: Estou me perguntando se a distinção entre mundos possíveis e mundos concebíveis poderia tornar a questão sobre os mundos com coelhos sofrendores mais clara no sentido de que é concebível que Deus possa existir em tais mundos, mas isso não é possível.

Dr. Craig: Sim, esse é um ponto útil que você está levantando, mas eu quero colocar a concebibilidade ao lado da possibilidade metafísica. O que eu contrastaria com possibilidade metafísica ou concebibilidade seria a imaginabilidade. Eu posso imaginar um mundo em que a forma de vida mais elevada sejam coelhos em sofrimento incessante, mas isso não mostra que um mundo assim seja realmente possível. Da mesma forma, você pode imaginar que a Conjectura de Goldbach seja falsa. Certo? Isso é fácil de fazer. Eu posso imaginar matemáticos amanhã descobrindo uma prova da sua falsidade. Mas se ela for verdadeira, esse tipo de cenário é impossível. Eu posso imaginá-lo, mas ele não pode ser real.

Da mesma forma, eu posso imaginar coisas surgindo do nada, sem causa. Posso, na minha mente, visualizar um coelho surgindo do nada sem uma causa. Mas isso não demonstra de forma alguma que tal coisa seja metafisicamente possível. Então acho que você está certo. Não devemos confundir imaginabilidade com a possibilidade metafísica de um mundo assim. Esse é um bom ponto e é útil. Sim, aqui na frente.

Discussão: possibilidades e problema do mal

Estudante: Apenas algo que percebi no que você mencionou sobre Anselmo e John, todas essas discussões sobre mundos possíveis. Mas quanto ao Argumento Ontológico... devemos estar... estamos... há um limite para esses mundos possíveis? Com a existência de Deus como, como você disse... tal mundo não seria compatível com Deus, dada a quantidade de sofrimento? Ou realmente há um número infinito de mundos para escolher?

Dr. Craig: Se eu entendi corretamente, você está perguntando: "Existem mundos possíveis que são incompatíveis com a existência de Deus?" É isso o que você estava dizendo?

Estudante: Sim, e também voltando ao argumento ontológico, há um limite para esses mundos possíveis? Ah.

Dr. Craig: Para a segunda pergunta, a resposta é "não". As possibilidades lógicas são ilimitadas. Elas seriam infinitas. Mas então, no teísmo tradicional, independentemente do Argumento Ontológico, vamos apenas falar sobre teísmo, os teístas consideram a necessidade ou asseidade como um atributo essencial de Deus. Ele existe em todos os mundos possíveis. Sua não-existência é impossível. Portanto, não há mundos possíveis onde Deus não exista. Certo, acho que temos tempo para mais uma ou duas perguntas antes de encerrar. Sim, Brad.

Estudante: Essas discussões me fazem... agradecer por ser engenheiro e não filósofo. Então, pode me acusar de ser metafísico, mas tudo bem, eu acho, parece que este mundo, que caiu, de acordo com Gênesis, no pecado, tem muito sofrimento, muitos coelhos correndo por aí com doenças e outras coisas. E somos prometidos um mundo onde não haverá pecado e será perfeito. Quando olhamos para este mundo, pensamos: espere um minuto, se Deus é tão grande, por que temos sofrimento?

Dr. Craig: Essa será a questão para a qual nós nos voltaremos depois que terminarmos o argumento ontológico! Temos olhado para argumentos a favor da existência de Deus, mas, claro, do outro lado da balança, estarão argumentos contra a existência de Deus. E o mais importante desses será o problema do sofrimento inocente. Se existe um ser todo-poderoso, todo-amoroso, moralmente perfeito, então por que há tanto sofrimento inocente e horrível? Aqui poderíamos continuar dando exemplos de crianças pequenas morrendo de fome ou de doenças terríveis, queimadas em incêndios e coisas assim. Isso precisará ser abordado. Com relação ao meu exemplo dos coelhos, a palavra-chave no exemplo dos coelhos foi "incessante".

Eles estão em um estado de sofrimento incessante. Ou seja, Deus não faz nada a respeito, como enviar um redentor ou algo do tipo. Acho que Deus não permitirá que haja sofrimento incessante. Um Deus bom providenciará uma solução. Essa foi a chave no meu exemplo desse mundo.

Considerações a posteriori e bênção

Ok, bem, muito boa discussão hoje. O que temos examinado até agora em defesa da primeira premissa do Argumento Ontológico são considerações a priori. Você pode se lembrar do que isso significa pela palavra "prior" (anterior) nela. Ela é anterior a qualquer experiência que você tenha do mundo. Então, como alguém disse, este é um argumento que não apela a fatos empíricos. É uma justificação a priori para a premissa (1). Mas o que Plantinga sugere é que também pode haver algumas razões a posteriori para acreditar que a premissa (1) é verdadeira. Veja que aqui temos a palavra "posterior". Posterior significa depois da experiência. Talvez, além de quaisquer fundamentos a priori que temos para afirmar a premissa (1), também possam haver considerações derivadas da experiência, argumentos a posteriori, que apoiem a premissa (1).

Isso daria uma nova perspectiva ao argumento ontológico. E é isso que examinaremos na próxima sessão, algumas dessas considerações a posteriori, em apoio à premissa chave. Então, vamos fazer uma oração de encerramento. E agora, que Deus, que é o fundamento de todo ser e da nossa própria existência, os estabeleça em toda boa obra e palavra durante a próxima semana, para a glória de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências

Alvin Plantinga, *Warranted Christian Belief* (New York: Oxford University Press, 2000), p. 69.

Alvin Plantinga, "Reason and Belief in God", typescript dated October 1981, pp. 18-19. Nota da publicação original: este parágrafo foi omitido inadvertidamente da versão publicada do ensaio. Um parágrafo quase idêntico consta de Alvin Plantinga, "Self-Profile", em Alvin Plantinga, org. James E. Tomberlin e Peter van Inwagen, *Profiles5* (Dordrecht: D. Reidel, 1985), p. 71.

Nota da publicação original: a troca no debate Craig–Wolpert pode ser vista em 1h23min:

<http://www.reasonablefaith.org/media/craig-vs-wolpert-westminster-hall-london> (acesso registrado no original: 7 de maio de 2016).

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-25>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-25/>